

Índice

Primeira Parte	
<i>Os Grandes Egoístas</i>	9
Segunda Parte	
<i>A Milícia</i>	119
Terceira Parte	
<i>Lofthellir</i>	253
Epílogo	
<i>O Dia Negro</i>	361
Textos Citados	373

1.

Vi-os tomar banho na piscina, de noite. Eram três e muito jovens, pouco mais do que crianças, como eu então também era.

Em Speziale, o meu sono era constantemente interrompido por ruídos novos: o sibilo do aparelho de rega, os gatos bravios que se assanhavam no prado, um pássaro que repetia o mesmo som até à exaustão. Nos primeiros verões em casa da avó quase me parecia que não dormia. Da cama onde estava deitada, via os objetos do quarto afastarem-se e aproximarem-se, como se toda a casa respirasse.

Naquela noite ouvi ruídos no pátio, mas não me levantei logo, às vezes o caseiro vinha até à entrada para deixar um bilhete entalado na porta. Mas depois houve os cochichos e os risos abafados. Nesse momento, decidi mexer-me.

Evitei tocar com os pés no difusor elétrico para os mosquitos, que do chão espalhava uma luz azul, cheguei à janela e olhei para baixo, tarde de mais para ver os rapazes despirem-se, mas a tempo de surpreender o último a deslizar para a água negra.

A iluminação do pórtico permitia-me distinguir-lhes as cabeças, duas mais escuras e uma que parecia de prata. Tirando isso, vistos dali eram quase idênticos, mexiam os braços em círculo para se manterem à tona.

Havia uma espécie de tranquilidade no ar, depois de a nortada se ter acalmado. Um dos rapazes pôs-se a fazer de morto no meio da piscina. Senti um fogo na garganta perante a visão inesperada da sua nudez, embora fosse apenas uma sombra, mais a minha imaginação do que outra coisa. Arqueou as costas e afundou-se com uma cambalhota.

Ao reemergir soltou um berro, e o amigo de cabeça prateada bateu-lhe na cara para o fazer calar.

— Aleijaste-me, estúpido! — disse o da cambalhota, ainda em voz alta.

O outro empurrou-o para debaixo de água e depois o terceiro também saltou para cima dele. Recreei que andassem à pancada, que algum pudesse afogar-se, mas separaram-se a rir. Sentaram-se na borda, no lado menos fundo, virando-me as costas molhadas. O do meio, mais alto, abriu os braços e pousou-os em volta do pescoço dos outros. Falavam baixo, mas eu conseguia apanhar uma palavra aqui e outra ali.

Por instantes pensei em descer e penetrar com eles na humidade da noite. A solidão de Speziale tornava-me ávida de qualquer contacto humano, mas aos catorze anos não tinha coragem para certas coisas. Desconfiava que fossem os rapazes da propriedade ao lado, embora sempre os tivesse visto apenas de longe. A avó chamava-lhes «os da quinta».

Depois, o rangido das molas de uma cama. Uma tossidela. Os chinesos de borracha do meu pai a rangerem no soalho. Antes que eu pudesse gritar aos rapazes para fugirem, já ele descia as escadas à pressa e chamava o caseiro. Acendeu-se a luz no anexo e Cosimo saiu no mesmo instante em que o meu pai surgiu no pátio, ambos em cuecas.

Os rapazes tinham saltado para fora da piscina e apanhavam as roupas espalhadas. Deixaram algumas no chão e começaram a correr na direção do escuro. Cosimo lançou-se na perseguição, gritava eu mato-vos patifes, racho-vos a cabeça, o meu pai foi atrás dele após um momento de hesitação. Vi-o apanhar uma pedra.

Do escuro veio um grito e depois o embate dos corpos contra a vedação, uma voz a dizer não, meti-me para dentro. Sentia palpitações, como se fosse eu que estava em fuga, que era perseguida.

Passou-se muito tempo até eles voltarem. O meu pai vinha agarrado ao pulso esquerdo, tinha uma mancha na mão. Cosimo examinou-lha de perto, depois empurrou-o para o interior do anexo. Antes de entrar também, olhou um instante para o escuro que engolira os invasores.

No dia seguinte, ao almoço, o meu pai tinha a mão ligada. Contou que caíra quando tentava ajeitar um ninho de pegas. Em Speziale transformava-se numa pessoa diferente, em poucos dias ficava com a

pele muito escura e, com o dialeto, até a voz se lhe alterava, parecia-me que não o conhecia de facto. Por vezes perguntava-me quem ele era na realidade: o engenheiro que em Turim vestia sempre fato e gravata, ou aquele homem de barba desleixada que andava pela casa seminu. Em todo o caso, era evidente que a minha mãe escolhera casar apenas com um dos dois e do outro não queria saber. Havia anos que não punha os pés na Puglia. No início de agosto, quando partíamos para enfrentar a eterna viagem de automóvel para sul, nem sequer saía do quarto para nos dizer adeus.

Comemos em silêncio, até que se ouviu a voz de Cosimo, que chamava do pátio.

À entrada da casa, à frente do caseiro, que se impunha como um polícia, estavam os três rapazes da noite anterior. A princípio só reconheci o mais alto, por causa do pescoço fino e da forma da cabeça, um pouco oblonga. Mas a minha atenção foi atraída para os outros dois. Um tinha a pele muito clara, o cabelo e as sobrancelhas brancos como algodão; o outro era moreno, bronzeado, com os braços cheios de arranhões.

— Ah — disse o meu pai —, vieram buscar a roupa?

O mais alto respondeu, num tom inexpressivo: — Viemos pedir-lhe desculpa por termos entrado no seu terreno ontem à noite e por termos usado a piscina. Os nossos pais mandam-lhe isto — ergueu no ar um saquinho, que o meu pai agarrou com a mão sem ligadura.

— Como te chamas? — perguntou. A sua má-vontade suavizara-se ligeiramente.

— Nicola.

— E eles?

— Este é o Tommaso — apontou para o tipo mais claro. — E este é o Bern.

Dava-me a impressão de que estavam incomodados dentro das camisetas, como se alguém os tivesse obrigado a vesti-las à força. Troquei um longo olhar com Bern. Tinha uns olhos muito escuros, um pouco juntos em demasia.

O meu pai agitou levemente o saco e os boiões tilintaram dentro dele. Julgo que lhe custava estar ali a receber aquele pedido de desculpa.

— Não era preciso entrarem às escondidas — disse. — Se queriam usar a piscina, bastava pedir.

Nicola e Tommaso baixaram os olhos, enquanto Bern continuou a ter os seus fixos em mim. A brancura do pátio, atrás deles, encandeava-me.

— Se um de vocês se tivesse sentido mal... — o meu pai hesitou, estava cada vez menos à vontade. — Cosimo, já oferecemos limonada a estes rapazes?

O caseiro fez um trejeito, como que a perguntar-lhe se enlouquecera.

— Estamos bem assim, obrigado — disse Nicola com bons modos.

— Se os vossos pais vos deixarem, esta tarde podem vir tomar banho.

Olhou para mim, talvez a pedir a minha aprovação.

Nesse instante, Bern tomou a palavra: — Ontem à noite atingiu Tommaso no ombro com uma pedra. Nós cometemos uma infração por entrar na sua propriedade, mas o senhor cometeu outra mais grave ao ferir um menor. Se quiséssemos, podíamos fazer queixa de si.

Nicola deu-lhe uma cotovelada no peito, mas era evidente que não tinha qualquer autoridade, era apenas o mais alto.

— Não fiz nada disso — respondeu o meu pai. — Não sei do que estás a falar.

Relembrei o gesto dele, ao inclinar-se para apanhar a pedra, e os ruídos no escuro, aquele grito que eu não soubera decifrar.

— Tommi, mostra a nódoa negra ao senhor Gasparro, por favor.

Tommaso encolheu-se, mas, quando Bern lhe tomou entre os dedos a orla da camiseta, não protestou. Delicadamente, Bern enrolou o tecido, destapando-lhe as costas: eram ainda mais brancas do que os braços, a palidez fazia sobressair a mancha azul, do tamanho do fundo de um copo.

— Vê?

Bern pressionou a nódoa com o indicador, Tommaso contorceu-se.

O meu pai parecia hipnotizado. Cosimo interveio em vez dele, ordenou qualquer coisa aos rapazes em dialeto e eles, com compostura, despediram-se, inclinando a cabeça.

Quando já estava completamente ao sol, Bern voltou-se para observar com ar severo a nossa casa. — Espero que a sua mão se cure depressa — disse.

Nessa tarde desencadeou-se um furacão. Em poucos minutos, o céu tingiu-se de roxo e negro, cores que eu nunca vira.

Os temporais duraram quase uma semana, as nuvens chegavam de repente do mar. Um raio partiu um ramo do eucalipto e outro queimou a bomba que tirava água do poço. O meu pai ficou furioso, pegou-se com Cosimo.

A avó, no sofá, lia os seus romances policiais em edição de bolso. Só para passar o tempo, pedi-lhe que me aconselhasse um. Disse-me que tirasse um ao acaso da estante, eram todos bons. Escolhi *Safari Mortal*, mas a história era aborrecida.

Depois de olhar um bocado para o ar, perguntei-lhe o que sabia dos rapazes da quinta.

— Vão uns, vêm outros — disse. — Nunca são os mesmos durante muito tempo.

— E o que fazem?

— Esperam que os pais venham outra vez buscá-los, presumo. Ou que qualquer outra pessoa os leve.

Como se eu lhe tivesse estragado o prazer da leitura, pousou o livro. — Entretanto rezam. Fazem parte de uma espécie de... heresia.

Quando o mau tempo passou, houve uma invasão de rãs. À noite mergulhavam na piscina e, por mais cloro que lhe deitássemos, não havia maneira de as afastar. Encontrávamo-las presas nos filtros ou esmagadas pelas rodas do *robot* de limpeza. As que sobreviviam nadavam, impassíveis, algumas aos pares, uma empoleirada nas costas da outra.

Uma manhã desci ao pátio para o pequeno-almoço, ainda com os calções e a camisola de alças com que dormira, e vi Bern. Na borda, perseguia as rãs com a pequena rede. Quando apanhava alguma, fazia-a planar e depois despejava-a para um balde.

Fiquei um momento indecisa, se lhe chamar a atenção ou se voltar lá acima para me vestir, mas por fim aproximei-me e perguntei-lhe se o meu pai lhe pagava aquele trabalho.

— Cesare não aprecia que lidemos com dinheiro — disse, voltando o rosto a custo. Após uma pausa, acrescentou: — «Então um dos Doze aproximou-se dos sumos sacerdotes: quanto quereis dar-me para que eu vo-lo entregue? E eles estabeleceram trinta moedas de prata.»

Parecia-me uma resposta sem sentido, mas não me apetecia pedir-lhe que a explicasse. Olhei para o balde: as rãs amontoadas lançavam-se para o alto, mas as paredes de plástico eram demasiado íngremes.

— O que lhes queres fazer?